



**“A ANÁLISE, FINS E
CONSEQUÊNCIAS”**

**“O Mag” do
Terceiro
Encontro
Internacional
da Escola**

9, 10 e 11 de dezembro de 2011
Cité des Sciences et de l'industrie
Paris, Porte de la Villette

Escola de psicanálise dos Fóruns do
Campo Lacaniano

SUMÁRIO

Chamada de comunicações

Prelúdios

Infos Encontro

Argumento e inscrição

Interlúdios poéticos

Iniciativas pré-Encontro

Homenagem

As Comissões do Encontro

Site : www.champlacanien.net

Chamada de comunicações

Caros Colegas,

A EPFCL está organizando o Terceiro Encontro internacional de Escola, em Paris dias 09, 10 e 11 de dezembro na Cité des Sciences et de l'Industrie – Porte de la Villette. Conforme indicado no e-mail que vocês receberam, dia 20/04/2011, o segundo e o terceiro dias acolherão comunicações propostas por colegas de todas as zonas da Escola.

Aqueles que desejarem intervir na ocasião desses dois dias sobre o tema “A análise, fins e consequências” deverão nos enviar sua “Proposta de intervenção” acompanhada do título da comunicação e de um argumento de 15 a 20 linhas, antes da data limite – 01 DE SETEMBRO DE 2011.

As propostas de intervenção deverão ser endereçadas a Albert Nguyễn e Dominique Fingermann, que as transmitirão à Comissão científica:

Albert Nguyễn (responsável científico do encontro com o CAOÉ, secretário CIG-Europa).

Tel : (33) 05 56 92 02 18 e-mail: a.nguyen33@numericable.fr

Dominique Fingermann (secretária CIG-América do Sul)

Tel: (55) 11 3032 7674. Mail: dfingermann@terra.com.br

Atenciosamente,

Colegiado de Animação e da Orientação da Escola
D.Fingermann, A.Martinez, P.Munoz, A.Nguyễn

Interlúdio

Tu parles, mais quelle drôle de drôlesse quand même qu'Anna Livia petontintamahr. Et lui comme andouille fut azay rideaucul. Chez Crasseux Compère, papa lait en chef des titifils et tétéfilles. Mémère et pépère, nous sommes tous de leur bande. N'avait-il pas eu sept fem pour le femer ? Et chacune des femmes avait sept crochettes. Et chaque crochette ses sept couleurs. Et toutes les couleurs des cris différents. Des ilmots pour moi, le souper pour toi et la note du docteur pour Jo Jean. Auvant ! Paravant ! Il s'allia ses marchés par monts et par vaux je le sais, comme tout Etrusque Catholot Hérétique, dans leurs rosées, citronnes, crémantés, vertes duchesses et leurs turquises indiennes mauves.

(...)

Anna was, Livia is, Plurabelle's to be. Northmen's thing made southfolk's place but howmulty plurators made eachone in person?

(...)

Can't hear with the waters of. The chittering waters of. Flittering bats, fieldmice bawk talk. Ho! Are you not gone ahome? What Thom Malone? Can't hear with bawk of bats, all thim liffeying waters of. Ho, talk save us ! My foos won't moos. I feel as old as yonder elm. A tale told of Shaun or Shem? All Livia's daughtersons. Dark hawks hear us. Night! Night! My ho head halls. I feel as heavy as yonder stone. Tell me of John or Shaun? Who were Shem and Shaun the living sons or daughters of? Night now! Tell me, tell me, tell me, elm! Night night! Telmetale of stem or stone. Beside the rivering waters of, hitherandthithering waters of. Night!.

James Joyce. Anna Livia Plurabelle (extrait)
Finnegans Wake.

Traduction de l'anglais par S.Beckett, A Perron, Y Goll, E.jolas, P. Léon, A.Monnier, Ph. Soupault en collaboration avec J.Joyce, Gallimard 1962.

Prelúdios

Prelúdio por um *a posteriori*¹

Frédérique Decoin

A qualificação do psicanalista e a garantia de sua formação foram vetores, como evoca Danièle Sylvestre (Mensuel nº61, p.74), junto com a experiência da análise, do percurso de Lacan. Estas questões foram o fundamento da nossa Escola e elas não deixam de ser postas, em particular, no trabalho de implementação do dispositivo do passe que tenta recolher o testemunho de um passante, através dos passadores e um cartel, o traço de um ato que teria feito passar, esse passante, de analisante a analista. É unicamente, ou em todo caso mais rigorosamente, a partir deste ato e do testemunho que é a consequência, que pode funcionar uma garantia que não seja motivada pela *pregnância narcísica e pela astúcia competitiva*.

O ato a partir do qual pode operar essa garantia é correlacionado por Lacan ao início e ao fim da análise:

“Nossos pontos de junção, onde tem que operar nossos órgãos de garantia, são conhecidos: são o começo e o fim da psicanálise, como no xadrez. Por sorte, são eles os mais exemplares por sua estrutura...”
(Lacan, *Proposição de 9 de outubro de 1967*, p.252, *Outros escritos*)

No início da análise é preciso um ato do analista para fazer passar o paciente, que então se torna analisante, ao discurso da histórica, e ao fim é preciso um ato do analisante para passar a analista. Mas qual fim se encontra colapsado a esse ato? Mais exatamente, o que é que se encontra concluído na precipitação do ato?

É certo que este ato marca o fim de algo, ele marca o fim da análise por isso? É ao "tempo lógico" (*Le temps logique et l'assertion de certitude*

¹ *Nachträglichkeit* é a palavra usada por Freud para conceber a temporalidade psíquica, e que pode ser traduzida pela expressão latina *a posteriori* ou pela expressão *só-depois*, como preferiu M.D. Magno (Nota do tradutor).

anticipée, in Ecrits) e à noção de " *a posteriori*", que Lacan faz referência ao tentar circunscrever o tempo do ato.

“A psicanálise em intensão, ou seja, a didática... Esquece-se, com efeito, sua pregnante razão de ser, que é constituir a psicanálise como uma experiência original, levá-la ao ponto em que figura a finitude, para permitir o *a posteriori* (...) essa experiência é essencial para isolá-la da terapêutica...” (Lacan, *Proposição de 9 de outubro de 1967*, p. 251 *Outros escritos*)

O que diz Lacan aqui nos esclarece sobre o fato de o fim correlacionado ao ato ser um fim que “*permite o a posteriori*”. Essa noção do *a posteriori* “próprio ao tempo lógico”, Lacan, ao fazer a releitura de Freud, fez dela uma noção essencial e ela aparece indissociável de sua reflexão sobre o ato analítico. Na “Proposição de 09 de outubro de 1967” ele abre sua reflexão sobre o ato freudiano a partir do artigo de Octave Mannoni, “L’analyse originelle”, e contradiz a ideia de que a *writing-cure* (Correspondência com Fliess entre 1887 e 1902) tenha se constituído como a análise original de Freud. Segundo ele, a verdadeira análise original foi a “segunda”:

“por constituir a repetição que da primeira faz um ato, pois é ela que introduz o *a posteriori* próprio do tempo lógico, que se marca pelo fato de que o psicanalisante passou à psicanalista”. (Lacan, *Proposição de 9 de outubro de 1967*, p. 258, *Outros escritos*).

Segundo Michel Bousseyroux (*L’après-pensée de Freud*, in Mensuel n°3, 2004), a segunda e original análise de Freud se deu no tempo em que ele pensou a paranoia. Não foi o caso Schreber que teria aberto a ele o caminho conceitual, mas sim a consciência da paranoia de Fliess após a ruptura. Freud elabora *a posteriori* sua relação tranferencial com Fliess, e se distancia, quando começa a fazer uma série de sonhos “hipócritas”, sonhos de reconciliação com seu “amigo deixado por um longo tempo.”

“Na quarta ou quinta vez, eu finalmente consegui entender o significado deste sonho. Ele (o sonho) me encorajou a deixar lá o que ficou em mim de consideração pela *persona* em questão, e me livrar dela completamente, o que ele tinha hipocritamente disfarçado como seu oposto”. (ver *A interpretação dos sonhos*)

A interpretação desses sonhos “depende da lógica do ato” (Bousseyroux, 2004) e vem concluir essa segunda análise. Freud se apressa em concluir que esse sonho não é um sonho de reconciliação, ele se apressa em concluir o tempo para compreender.

“passado o tempo de compreender o momento para concluir, é o momento para concluir o tempo de compreender” (*Lacan, Le temps logique, p.204, Ecrits*)

É na estrutura do *a posteriori* e da repetição que pode efetuar-se o momento de concluir. Assim, não foi somente porque Freud elabora *a posteriori* sua transferência com Fliess, mas também porque o sonho é pura repetição que Freud pode ser tomado pelo ato. Os conteúdos do sonho eram tão manifestadamente a repetição da transferência anterior com Fliess, transferência que tinha sido elucidada *a posteriori*, que Freud nada mais tinha a entender. Tudo que lhe restou a fazer com este sonho foi julgar. Ao julgar seu sonho, Freud faz um ato "o pensamento moderno tem mostrado que todo julgamento é essencialmente ato" (*Lacan, Le temps logique, p.208, Ecrits*)

De certo modo, Freud, ao compreender que desse sonho nada há para compreender, responde. Além disso os verbos são de ação: ele "deixa lá" o resto de consideração, ele "se liberta"... Este julgamento que é um ato, nós o vemos, produziu seus efeitos, e aqui, neste caso particular, efeito de liberdade.

“Poder surgir das liberdades do fechamento de uma experiência, é isso que decorre da natureza do *a posteriori* na significância”. (*Lacan, Proposição de 9 de outubro..., p. 261, Outros escritos*)

O ato é produzido assim na estrutura do *a posteriori* e da repetição, e “no ponto de finitude” que ele representa, ele permite isso também. O *a posteriori* do ato, podemos dizer, o momento de concluir, seria então, talvez, a continuação lógica e verdadeira. Se o “fim da partida” não oferece um *a posteriori* podemos pensar que a continuação é então o tempo para compreender...

Tradução de Rosane Melo

A singularidade e a “universidade” dos fins e das consequências O desafio dos AEs Conrado Ramos - São Paulo

Das voltas aturdidadas que um passante pode dar, podemos ler e ouvir testemunhos de AEs que vão em dois sentidos: aqueles que, de um modo necessariamente singular, mas sempre contingente, transmitem uma volta não contada; e aqueles que, no meu entender, por uma razão estrutural, universalizam a volta a mais, tentando fazê-la contável por meio de medidas como o encontro da letra do próprio sintoma ou de ideias como o acesso ao real, medidas e ideias que não deveriam servir para isso.

Permitam-me uma pequena digressão sobre a função do enigma em Lacan. Entendo que o enigma, como estrutura da interpretação – um saber como verdade –, tem como função um semi-dizer, e é um semi-dizer justamente porque um dito suprimiria o suspense da verdade que o enigma sustenta. No semi-dizer a verdade está suspensa. O dito, como sentido último, elimina a suspensão da verdade, que não é outra senão a da castração, ou noutros termos, a de que não há relação sexual. De um dito, proposição que ele é, pode ser dito V ou F. Mas e de um enigma? É por isso que uma interpretação que funciona como sentido suprime o suspense da verdade, isto é, responde mais pela via do não-saber da castração do que pela via da transmissão da castração. A interpretação do analista, enquanto enigma, repõe o suspense da verdade porque aponta para o furo do sentido, para a enunciação, e não para o sentido, para o enunciado.

A resposta a um enigma não pode se dar pela via do enunciado, pois não é uma resposta lógica, do tipo V ou F, mas sim uma resposta ética. Não é uma resposta que se encontra, que se acessa, mas uma resposta que se faz,

que se caracteriza por seu valor de ato diante do indecível do sentido. Como diz Lacan sobre Édipo no Seminário 17: “no final, ocorre-lhe o seguinte, não é que a venda lhe caia dos olhos, são os olhos que lhe caem”².

A resposta a um enigma, assim, pode ser pensada tanto na dimensão do sicut palea (“são os olhos que lhe caem”) quanto pelo suposto encontro da resposta certa (“que a venda lhe caia dos olhos”). Mas o problema é que a suposição da resposta certa é da mesma ordem da dúvida atribuída por Pascal àquele que não aposta em Deus porque não tem fé, sem se dar conta de que é a aposta mesma que funda a fé, o que dá à aposta sua dimensão de ato. Daí cabe-nos perguntar: a resposta pelo encontro da resposta certa é mesmo uma resposta? Digo que não, para o que entendo como psicanálise. Lembremos o que Lacan diz no Seminário 23: “Só é verdadeiro o que tem sentido. Qual é a relação do real com o verdadeiro? O verdadeiro sobre o real, se assim posso me exprimir, é que o real [...] não tem sentido algum”³. Assim, penso que não se pode resolver o suspense de um saber no lugar da verdade sem apelar para o sentido. No entanto, “não há verdade que, ao passar pela atenção, não minta”⁴.

Deste modo, como é que se pode encontrar a letra do sintoma? Soler escreve sobre a letra do sintoma: “ela está implicada pelos efeitos incalculáveis de língua de onde resulta que tudo aquilo que se diga dessa letra é ‘elucubração’”⁵.

Diante dessa digressão, o enigma é um enunciado guardado no real? É a letra que estava lá à espera e que, enfim, foi encontrada por uma análise que acessou o real? Trata-se de trazer o inconsciente à consciência? A análise é *Aufklärung*, é um dispositivo de esclarecimento? É claro que não é por aí que nos orientamos.

² Seminário 17, p.114.

³ Seminário 23, p.112.

⁴ Outros escritos, p.567.

⁵ Wunsch 8, p.19.

Na aula de 15 de março de 1977 do Seminário 24, Lacan diz que o sintoma é real e que é mesmo a única coisa verdadeiramente real. Mas que isso quer dizer que o sintoma tem um sentido, que conserva um sentido no real. É por essa razão que uma análise pode, se tem esta chance, intervir simbolicamente para dissolvê-lo no real. Isso nos permite questionar se a letra não responde pelo que se pode dissolver do sentido no real, pelo que há de simbólico no real: uma letra no real do sintoma; uma letra, acontecimento de corpo (contingência, portanto), à qual se pode amarrar o afeto, que é enigmaticamente real.

Logicamente, uma letra no sintoma (ou para o sintoma) implica a contingência: uma letra é possível; já a letra do sintoma nos remete ao necessário: é aquela e não outra. Ontologicamente, uma letra no sintoma (ou para o sintoma) abre a dimensão do artifício, da mentira que é preciso dizer para fazer passar uma verdade; já a letra do sintoma se fecha num pressuposto naturalizante, substância prévia reificada, como uma pedra no rim que se precisa expelir. Semioticamente, talvez, convenha pensar a letra como *Bedeutung* (referência) do sintoma e não como *Sinn* (sentido) do sintoma. Topologicamente, a letra verifica o furo do saber fazendo a borda pela qual o sintoma pode fazer eco no corpo, o que é diferente de tomar a letra como equivalente do sintoma. A letra não é o sintoma, mas pode servir de ponto fixo para o gozo do sintoma.

Das consequências do que exponho acima, coloco a importância clínica da concepção topológica do falasser como forma de evitar a pregnância de uma estrutura consistente na abordagem do furo do saber pela via da linguística, isto é, da oposição entre significação e carência de sentido. A topologia, assim como a matemática, permite-nos pensar numa estrutura da inconsistência (que a partir de Newton da Costa podemos chamar de paraconsistência), isto é, numa estrutura real. A linguagem não nos permite o mesmo, aprisionada que está à estrutura do simbólico.

Diferentes concepções de estrutura produzem diferentes consequências clínicas, como exemplifica a diferença entre a ideia de acessar o real para encontrar lá a letra do sintoma (como uma estrutura consistente de elementos previamente dados) e intervir no real simbolicamente para dissolver um sentido no sintoma (como uma estrutura inconsistente e aberta para a contingência).

Podemos talvez entender que o insuportável do não acesso do Um produzido em análise à verdade, ao saber como verdade do enigma (S2 // □ S1), faça girar o discurso do psicanalista, isto é, leve à colocação do próprio Um como verdade capaz de sustentar um saber: S2/S1. É o risco de dar ao Um uma universalidade e fazer do discurso universitário o sentido que falta ao discurso analítico.

Não estaria aí o liame estrutural das dificuldades que encontram os passantes e os AEs na passagem da experiência do real à sua transmissão possível? Enquanto alguns não conseguem ecoar a transmissão do real, outros parecem cair na transmissão universitária que sistematiza todo o inconsciente (S2) e erguem um mundo sobre a falsa consistência da “letra do meu sintoma” (S1) tomada como ponto arquimediano. A ousadia de transmitir a experiência do real, ao requerer um sentido, descamba para a universalidade. Dessa ousadia, a implicação necessária é a de que só se pode sedimentar, com muito trabalho, algumas poucas pedrinhas, sobre as quais não se pode apoiar nenhuma alavanca.

Mas, onde localizar, então, topologicamente, um ponto fixo?

Em *Televisão*, Lacan nos lembra que os significantes de língua são pura cifra (sifr, do árabe, que é zero) o que quer dizer que eles não têm sentido algum, mas também que todo sentido possível é por eles produzido. Que uma letra de sintoma possa fazer sentido é justamente porque, se o sintoma é a resposta do falasser à forclusão radical da relação sexual, ela –

a letra – não tem sentido algum. Ela é uma formação do inconsciente, uma produção especial da análise com a qual se verifica o vazio de sentido, o furo de saber. Ela não é o sentido oculto que lá estava à espera do fim de análise. Ela não é o real.

Se tomarmos o *Poordjeli* de Leclaire como exemplo, que o coloquemos no que chamamos de inconsciente simbólico, é evidente que ele vai se revelar como a condensação máxima de todos os sentidos de uma vida, afinal, ele é o verdadeiro e o verdadeiro está do lado do sentido. Mas a verdade é mentirosa e um *Poordjeli*, portanto – e ao invés dele poderia ser todo um sistema de pensamento –, não passa de elucubração da língua. Que o delírio generalizado que cada um constrói para si como suplência à forclusão da relação sexual venha a caber numa palavra, esta não se torna, por isso, menos delirante. No entanto, se colocarmos o *Poordjeli* no que chamamos de inconsciente real, só aí vamos nos deparar com o que diz Lacan quanto ao verdadeiro sobre o real: o verdadeiro sobre o real é que o real não tem sentido algum. Deste modo, tomar um *Poordjeli* como condensação de sentido seria revirar o toro do simbólico sobre os outros dois, envelopando o imaginário e o real. Sobre isso diz Lacan na aula de 14 de dezembro de 1976 do Seminário 24: “O fato de que o imaginário e o real estejam, em suma, inteiramente incluídos em alguma coisa que é resultante da prática da própria psicanálise é alguma coisa que, que faz questão. Há, aliás, aí um problema. [...] É bem porque Freud, Freud insistia para que, ao menos os psicanalistas, refizessem aquilo que é chamado correntemente dois cortes, quer dizer, fizessem uma segunda vez o corte que eu designo aqui como sendo o que, o que restaura o nó borromeano na sua forma original.”

É só ao tomar o *Poordjeli* pela via do real que podemos entender o real como um furo que cospe Uns, isto é, nomes, ou seja, puros denotativos, mas não conotativos.

Se o *Poordejeli*, aqui tomado como exemplo, é reversível, isto é, tem função seja do lado do simbólico, seja do lado do sintoma, não é porque ele seja o sintoma. Ele tem a função de falo real, isto é, aponta para um enigmático sentido no real que, com alguma chance, uma análise pode enodar por meio da intervenção simbólica e, com isso, dissolver um sintoma.

Toda decifração deve se resumir, portanto, à cifra. Como diz Lacan em A Terceira, este é o único exorcismo do qual é capaz a psicanálise. Que o sintoma seja o que não cessa de se escrever do real, é possível, entretanto, domá-lo até o ponto em que a linguagem possa fazer dele equívoco. Isto permite ganhar terreno sobre o sintoma, mesmo que ele não venha a se reduzir ao gozo fálico.

Do lado do simbólico, *Poordjeli* pode ser a transfusão de gozo do real no simbólico (o que caracteriza a função do falo) – lembremos que o real no simbólico é a angústia ⁶. Mas aí ele se aproxima do que chamamos nome-do-pai e, como diz Luis Izcovich, a angústia é dispor do nome-do-pai sem servir-se dele. Do lado do simbólico um *Poordjeli* serve, portanto, para nomear o desejo do Outro e esvaziar o real no simbólico. Daí o risco de uma preferência dada ao verdadeiro, ao que Lacan nos adverte que a psicanálise “é a forma moderna da fé, da fé religiosa. À deriva, eis onde está o verdadeiro quando se trata do real.” ⁷. Por isso, é preciso ir além do pai, isto é, levar à produção de um *Poordjeli* do lado do sintoma, que é a única coisa verdadeiramente real.

Se um *Poordjeli* pode ser o falo real, é a ele que cumpre a função de verificar o furo, isto é, enodar duas consistências que, sem que ele se produza, seguem soltas: o simbólico e o sintoma.

⁶ Seminário 24, aula de 15/03/1977.

⁷ Seminário 24, aula de 14/12/1976.

Daí a confusão clínica que costuma gerar sua reversibilidade. Mas, vale notar, é somente por um *Poordjeli* poder ser, nesse nó que assim se constitui, uma reta infinita, que o furo pode se verificar: o furo não é ontologicamente anterior ao cuspe; é a cusparada do furo que gera o próprio elemento que faz o furo, pelo qual o furo se verifica. Um *Poordjeli* pode ser, portanto, o suporte material do furo, pois o furo é o que uma reta infinita faz no espaço.

E o que o furo cospe? Retas infinitas, nomes, *Poordjelis*. E o que fazer com esses elementos? Um ponto de apoio arquimediano ou uma reta infinita? Que haja em ambas as possibilidades o suporte de uma fixidez, enquanto uma serve para alavancar o mundo, a outra amarra uma borda; se uma envelope, a outra enoda. O certo é que podemos extrair dos testemunhos de AEs um ensino sobre a reversibilidade tórica dos *Poordjelis* e de seus respectivos efeitos de identificação.

Julho de 2011

Um empréstimo

Carmelo Sierra López

Ao tentar falar de minha experiência como passador no dispositivo do passe, me encontro com a necessidade de ter de transcender o particular de cada caso e buscar, caso possível, algum denominador comum com o qual possa me referir como elemento de base da experiência tratada como um todo.

Estar como sujeito nesse momento de passe clínico, segundo está escrito, é o que permite ao analista propor seu analisante como passador de outro sujeito que está decidido a dar conta de sua experiência de mudança, da qual se produziu como efeito um desejo inédito que é o desejo de analisa.

Minha pergunta, desde o principio, foi porque um sujeito em trânsito de seu passe clínico estaria mais capacitado para a transmissão desse testemunho que outro, possivelmente melhor dotado e mais armado de conhecimentos sobre a doutrina e o saber referencial.

No momento em que, como analisante me encontrava, o 'haver sido proposto como passador' foi, para mim, uma clara interpretação surpresa que me trasladou como sujeito a outro espaço diferente daquele do qual tinha consciência.

Ali onde me nomearam, um lugar do qual eu parecia querer me ocultar, me convocava a uma função alheia à programação que tinha de mim mesmo. Tudo transcorreu, com a primeira chamada, muito rápido. Se entre o instante de ver e o momento de concluir tudo se resolveu sem tempo de compreender, quem concluiu por mim? Foi um ato. Uma resposta em ato que tinha toda a lógica depreendida ao longo dos anos de análise ao decidir aceitar passar pela experiência. Isso funcionava apesar do escorrego que eu quisera estar, pensei, e me alegrei dessa constatação empírica. Tomei confiança na impressionabilidade (?) de um conhecimento sensível que não se deixava intimidar pela dura barreira do telão fantasmático.

Pensei que, se desde os textos fundadores e depois, do tempo transcorrido de outras experiências, se insistia em pôr o acento nesse momento estrutural do tratamento do passador, era porque o testemunho não haveria de ser lido

a partir da doutrina, mas, se trataria, definitivamente, de uma escuta do percurso, comportamento e avatares do sujeito passante, quer dizer, daquilo que de alguma maneira deixa sensível mais além do conhecimento. Algo que afeta se se está nesse ponto: pouco vestido de significações fantasmáticas e mais aberto ao emergente fora de sentido. Essa condição, permitiria essa sensibilização à percussão do real que não se deixa apreender no simbólico.

Em cada caso que escutei, um elemento que me apareceu e entrou como fundamental em minha consideração, que despertou e contribuiu, sem dúvida, ao afinamento e atenção na escuta, foi a vividez e convicção manifesta no passante. Vividez e convicção não no formal do relato, porém na decisão com a qual se apresentava e apostava pela experiência de testemunhar.

A historicização da experiência analítica, a lógica e pontos de articulação significante, os momentos de passe e melhora clínica, dali onde havia sido seu sintoma, e inclusive chegar a dar conta de certas experiências de abandono fantasmático, tudo isso foi sem dúvida muito mais do que conveniente, se sabe e está dito, mas o que me interessou e suscitou minha atenção, desde o princípio, era essa impressão que tinha de que algo mais passava, atravessando toda essa urdidura significante. Perguntei-me o que era e como se poderia perceber o real que havia em jogo na experiência quando por definição não se sabe formalmente.

A primeira escuta dos relatos demonstrou ser o mais interessante, porque vai se despregando o corpo vivido ou cadavérico do texto que deve falar. A voz do dizer que atravessa a composição formal, inclusive a harmonia que se deixa perceber, é a expressão do que não é apreensível no dito, mas sem ser alheio a ele, quer dizer, tem conexão com o significante, mas não se esgota no sentido significado. É a expressão do não-todo, como poderia ser, ocorre-me, a beleza, para quem a percebe como produto afetivo da obra de arte que a suscita. Algo vinculado a ela, mas depreendido da mesma.

Com a singularidade de cada testemunho, fiz um prognóstico para mim, que nem sempre coincidiu com a decisão que tomou o cartel, e isso não me pareceu estranho nem chamativo, mas me empuxou a repassar os recorridos do processo, a consistência e o sentido do relato e pude verificar que entre o escutado e o anotado, e o que desprende do cartel do passe, há vários desajustes, esquecimentos, erros, inclusive lapsos, que me pareceu

que não era possível obviar a presença do trabalho do real em jogo. Eram emergências ou acenos de vazio, que formavam parte estrutural do relato e que chamavam a certa mobilização do percurso significativo intimamente vinculado a ele. Fenômenos da falha singular que anima cada caso. Essa falta que lhe outorga a descompletude e que permite versões sempre fragmentadas, abre também o campo a uma verdade mutilada que o sujeito só pode reconhecer lendo-a no que se desprende de seus ditos.

Desde esse ponto que se escapa, em certa medida, ao matema significativo, coloquei essa reflexão sobre minha experiência de passador, e se faço hincapie nestes elementos de difícil formalização é porque considero que o que passa e permite localizar nele o testemunho passador - e permite localizar no testemunho o inédito de desejo do analista - tem certa conexão com a expressão artística, em sua capacidade de conectar com o real.

Não por isso pretendo falar de experiências inefáveis. Insisto em que se não se dá um testemunho transmissível desde a lógica formal da doxa, a vividez que deve animá-lo corre o grave risco de desfazer-se em relatos cadavéricos, nos quais a verdade aparece com a marcada aparência de mentirosa.

Considero, também, ao fio do desenrolado, que ademais de ter essa posição subjetiva, de estar aí em seu percurso analítico, o passador deve estar movido pela curiosidade e certo desejo de “experiência”. Não todo sujeito em análise sente essa curiosidade em constatar e experimentar a consistência da teoria e a eficácia dos dispositivos da transmissão.

Parece-me que a possibilidade de portar isso, que do real se impregnou na sensibilidade do passador e que deve depositar nos membros do cartel, está, em grande medida, marcada por essa curiosidade que, ao final, civilizada, não é outra coisa senão o desejo de saber.

Toda essa experiência resultou muito estimulante e teve claros efeitos benéficos em relação a minha análise, senão e, sobretudo, em minha orientação ao trabalho com os colegas nos grupo e instituições.

A partir desta participação no dispositivo, se foi instalando progressivamente o que seria uma transferência de trabalho ao sentir-me preocupado por uma causa para a qual tenho trabalhado dois anos, sem atrever-me a assumir o risco de divisão que ela implica.

Esta convicção e perspectiva do trabalho analítico articula-me com meus pares e outorga-me um lugar que faz série com os outros.

Albacete 2 de junho 2011

Tradução de Alba Abreu e Andrea Brunetto

O AME desinstalado

Juan del Pozo

A garantia outorgada pela escola sob o título de A.M.E. só tem repercussão para o futuro da Escola e da própria psicanálise se tal nomeação se articula com o trabalho em intensão, isto é, com as atividades que tem a ver com a operatividade da causa para a própria psicanálise.

Em 1967, na *Proposição sobre o psicanalista da Escola*, Lacan faz referência expressa a situação na qual a psicanálise fica estagnada em sua produção e desorientada em sua prática, quando por efeito de uma inércia institucional o analista instalado esquece seu compromisso com a causa analítica e em lugar de uma produção epistêmica se entrega ao manejo institucional no sentido mais banal do termo. No entanto apesar do risco, mantêm o reconhecimento de uma garantia para o analista que emergiu da formação da Escola, o A.M.E, aquele que por sua prática clínica ganha a confiança de seus colegas.

Esta representatividade no social e em nível da extensão, esta confiança nas curas que pode conduzir um analista membro da escola, não é, entretanto suficiente para sustentar o futuro de uma Escola. Ao grupo italiano, por exemplo, Lacan pede algo mais na *Nota aos Italianos*.

A aposta de Lacan pelo passe é inequívoca, pois somente nessa experiência do passe é possível que o novo analista não esqueça o ato pelo qual essa opção, a de sustentar o desejo do analista, surgiu e foi consentida por ele sem nenhuma autorização ou protocolo em um momento de sua análise. O ato o “des-Outrisou” o suficiente, e ele aceitou essa causa, ponto final. No

entanto, o esquecimento o espera porque o ato tende a ser esquecido e por trás desse esquecimento, mais uma vez surge o risco de que o Outro institucional seja reinstalado como apoio da prática.

Como fazer para que na própria psicanálise repercuta o real em jogo na formação do analista e claro em sua autorização como tal? Esta é, creio eu, a função da Escola: favorecer o ato, a partir do qual o desejo de um novo analista possa surgir como opção, e não se perca entre os diversos nomes do Outro que virão para cobri-lo.

Creio que se pode seguir com Lacan uma linha de pensamento neste sentido. A psicanálise se tornaria uma religião, se não for possível produzir o ateísmo, se não for possível sustentar o ato como uma experiência singular de separação do Outro na análise.

Todo saber, toda descoberta de um novo saber será sempre por razões de estrutura, atribuída ao Outro, porém de um Outro a que se supõe sujeito desse saber. O Outro se refunde continuamente com cada nova produção de saber. Então, um saber sem Outro sujeito, um final da transferência que não retome as velhas vias que conduzem a Deus, ao Sujeito suposto saber, e que reequilibra a via da sede de sentido mediante uma nova satisfação que o torna ponto de detenção, seria a orientação que nós parecemos encontrar na obra de Lacan. Vemos o exemplo no seminário *De um Outro ao outro*, lição de 30 de abril de 1969: “*O sujeito suposto saber é Deus, ponto só isso.(...) É Ele que rege essa decifração chamada saber. Um verdadeiro ateísmo, o único que mereceria esse nome, é o que resultaria do questionamento do sujeito suposto saber.*”⁸

Sem renegar o inconsciente freudiano por cujos desfiladeiros de sentido há que também transitar na cura, Lacan propõe uma orientação clínica onde a via da verdade, a via do sentido, possa deter-se. Assim, as elaborações de Lacan sobre um inconsciente incompreensível e incalculável, no qual o real de lángua impõe seu peso indecifrável, nos aproxima do que chamamos de inconsciente real. A urgência de uma nova satisfação, distinta da busca da verdade mentirosa, aponta para uma nova forma de conduzir as curas.

Poderíamos dizer com Descartes que por trás da ciência se encontra - ainda que não opere explicitamente no saber que produz - a hipótese religiosa do Deus não enganador. Um deus que seria continuamente reinserido pela

⁸ Lacan. Seminário 16. *De um Outro ao outro*. Ed. Zahar. p.273. (30 abril 1969)

ciência em suas descobertas como tema fiador de sua verdade ou se preferir de seu método. É nesta linha que Lacan empurra a psicanálise mais além da ciência, onde o saber inconsciente que se apresenta na cura não pode ser por conta de nenhum sujeito. Dizer que o inconsciente é um saber sem sujeito é quase da ordem de um impensável, e ao contrário do que acontece na música com os acordes instáveis, que fazem apelo para uma resolução através de um acorde mais harmônico, seria ao contrário para permitir que algo deixe traços dessa instabilidade que é efeito do real. Instabilidade que mantém uma tensão vital, cuja ressonância não responde senão a ética singular de cada sujeito em sua relação com a vida e em sua identificação ao sintoma, quer dizer, à isto que cada um tem de mais radical.

Sob este panorama de aposta pelo procedimento do passe na Escola para evitar uma detenção da elaboração sobre o fim de análise, parece delicado pensar a figura do A.M.E, posto que seu próprio título – “âme de l’Ecole”, “alma da Escola” – já é irônico, nos diz Lacan.

Irônico porque a ALMA tem todas as chances de se perder no caminho. Sua nomeação, sem data de expiração, torna-o suscetível de “inserir-se na casta”, fazer *semblant* de suficiência, esquecer que só a causa analítica pode sustentar sua posição. Posição que não assegura nem sua fama, nem os reconhecimentos que ele obtém, nem as manobras institucionais de poder. Nós sabemos que a causa analítica cessa de operar quando o analista se coloca no lugar do ideal, do conforto, do domínio.

Lacan assinala em seu seminário *A Transferência* que para que essa operação da transferência seja possível é fundamental considerar a posição do analista, “Isto está ligado, precisamente, ao que visa meu discurso deste ano”, diz ele: “*Trata-se daquilo que está no coração da resposta que o analista deve dar para dar conta do poder da transferência*”. Podemos então entender que a transferência é um poder que pode se cumprir ou não, que pode estar corretamente orientada ou não, que visa ou não a análise. E Lacan segue dizendo: “*Essa posição, eu a distingo dizendo que no próprio lugar que é o seu, o analista deve se ausentar de todo ideal do analista*”⁹. No entanto, é evidente que a Escola espera alguma coisa de seus AME, alguma outra coisa no que concerne a extensão, outra coisa que fazer uma boa imagem no social. Os textos estatutários da IF-EPFCL estipulam que os AME podem ser escolhidos como membro do CIG (do mesmo modo que os

⁹ Lacan. Seminário 8. *A Transferência*. Ed. Zahar. Pag.371. (28 de junho de 1961)

AEs e os passadores). Eles têm então a oportunidade de estar no dispositivo onde a Escola é causada causando a psicanálise.

Além disso, os AME tem a responsabilidade de nomear os passadores e eles participam ainda da abertura de um ato novo; seria então interessante poder escutar também seus testemunhos e ampliar o campo das experiências que dizem respeito ao passe. Não devemos esquecer que eles também são responsáveis pela animação da opção epistêmica.

Geralmente convidamos os AME para participar de eventos epistêmicos da Escola. Assim como os AE e os passadores. É claro que não se trata para os AME de uma instalação confortável numa cadeira de uma suficiência silenciosa; se trata pelo contrário de examinar como poderíamos articular a opção epistêmica geral da Escola e como ampliar o campo de sua ação.

Donostia, 11 de junho de 2011.

Tradução de Consuelo Pereira de Almeida

Interlúdio

*(...) Porém, mais tarde,
Sob as estrelas, o que é isso: elas são melhor inefáveis.
Menos, também, tira o caminheiro, das encostas da serra*

*Um punhado de terra do vale, ela que é o todo indescritível,
[Mas,
Uma palavra lapidada, pura, a amarela e azul
Genciana. Talvez, estamos aqui para dizer: casa,
Ponte, fonte, portão, jarro, árvore frutífera, janela,
No máximo, coluna, torre... mas, para dizer, entende-se,
Será que vale dizer assim, como a própria realidade jamais,
Em seu íntimo, pensou ser. Não é astúcia natural
Desta discreta terra, quando ela estimula os amantes*

*A se encantarem pelos recíprocos sentimentos?
(...)*

*Aqui está o tempo do descritível, em seu ambiente natural.
Fale e professe. Mais que nunca
Reduzem a realidade ali, as vivências, pois,
O que elas reprimindo restabelecem, é um fazer sem idéia.
Cozer a massa que irrompe dócil, tão logo
Por si mesma cresce e se limita em outra forma.*

Rainer Maria Rilke. Nona elegia de Duino (Excerto) –
Tradução de Elpídio de Toledo (<http://www.usinadeletras.com.br>).

Infos Encontro

➤ Hotéis:

A Cité des Sciences está localizada no nordeste de Paris, em Porte de la Villette. O acesso de pedestres é feito através da Avenue Corentin Cariou, n°30. Ali param os ônibus 130, 152, 159 e as linhas 5 e 7 do metrô. Os hotéis que propomos estão localizados no caminho destas duas linhas de metrô.

A 5 min a pé da Cité des Sciences de La Villette Forest Hill - ***

📍 Ter Av. Corentin Cariou Paris 19^{ème}

Station : Porte de la villette (ligne 7)

Tel : +33 (0)1 44 72 15 30- ou- + 33(0)1 44 72 15 08

Fax : + 33 1 44 72 15 80

Ver promotions sur internet : villette@foresthill.tm.

Hôtel Ibis ***

📍 quai de l'Oise Paris 19^{ème}

Station : Corentin Cariou (ligne 7) ou station : Ourq (ligne 5)

Tel : +33(0) 1 40 38 04 04 Réservation au +33(0) 1 40 38 58 00

(En face la Cité des sciences)

69 euros la nuitée (pt déj. non compris)

A 10 min a pé

Hôtel Holiday Inn - ****

(em frente a Cité des sciences)

216 av Jean Jaurès - Paris – 75019

Station : porte de Pantin (ligne 5)

Tel : + 33 1 44 84 18 18

Réservation par téléphone : +33 1 44 84 18 09

Single ou Double a partir de 150 / 180 euros por noite

Preço variável de acordo com a data de reserva

Résidence hôtelière Citéa - ***

28 ter av. Corentin Cariou - Paris – 75019

Tel : +33 1 44 72 42 00

Fax : +33 1 44 72 42 42

GEmorine@citea.com

Studiode 90 a 105 euros / dia

T2 155 euros / jour

Café da manhã 6,50 euros

Une chambre en ville

www.chambre-ville.com

ucev@wanadoo.fr

Na linha 7 do metrô – A 10 min da Cité des Sciences

Hôtel Campanile ***

145 rue de Flandres

75019 PARIS

Station : Corentin Cariou

Tel : +33(0)1 44 72 46 46

Fax :+33(0) 1 44 72 46 47

Quarto simples a 89 euros com café da manhã

Quarto duplo a 98 euros com café da manhã

Reservar com o código: CONGRES E.P.F.C.L

(preço negociado se um mínimo de 10 pessoas se interessarem e reservarem rapidamente)

Preferências:

Hôtel Crimée-***

188 rue Crimée

Paris 19ème

Estacionamento próximo

Estação: Crimée sair pela rue de Flandre ou rue Matisse

Este hotelzinho é caloroso, com quartos reformados recentemente, a recepção é simpática. O hotel é de acesso muito fácil, situando-se a duas estações do metro da Cite des Sciences, um pouco mais calmo.

A responsável, Mme ZIANI, propõe quartos com preços mais interessantes, se vocês reservarem especificando ----- o código: Congrès E.P.F.C.L-----

- Quarto simples com café da manhã: 80 euros

- Quarto duplo com café da manhã: 85 euros

As reservas devem ser feitas por telefone: 33(0)1 40 36 75 29 ou por e-mail: hotelcrimee19@wanadoo.fr

Hôtel Holyday Inn Express ***

68 quai de la Seine

Paris 19ème

Tel: 01 44 65 01 01 Fax : +33 144 65 01 02

Estação: RIQUET

Esse hotel tem um estilo moderno, apresenta a vantagem de ser muito bem situado na margem do Canal de l'Ourcq; alguns quartos dão de frente para o canal. Ele está localizado a dez minutos a pé da Cité des Sciences, percorrendo o canal de l'Ourcq.

Para reservar, é preciso dar o Código: Congrès E.P.F.C.L (isso para se beneficiar dos preços negociados)

A tarifa para as pernoites precedentes ou seguintes, o final de semana do dia 9, 10 e 11 de dezembro é de 130 euros (quarto simples) e 140 euros (quarto duplo)

Diretamente pelo metrô na linha 7 - La Courneuve - Mairie d'Ivry

Hôtel Mercure « All seasons »-

(Estação Gare de l'Est)

Tel : + 33 1 44 65 33 33

Quarto a partir de 110 euros

Duplo: 89 euros

Hôtels de charme com preços reduzidos

Hôtel Nord et Champagne

(station gare de l'Est)

Tel : + 33 1 47 70 06 77

Fax : + 33 1 48 00 95 41

www.hotel-nordetchampagne

Quarto a partir de 89 euros

Hôtel Villa- Fénelon

2 rue Buffault - Paris - 75009

(station Le Pelletier ou Cadet)

Tel : + 33 1 48 78 32 18

www.villa-fenelon.com

Quarto a partir de 95 euros

Hôtel île de France Opéra

26 rue Saint-Augustin - Paris 75009

(station Opéra)

Tel : + 33 1 47 42 40 61

Tel : + 33 1 47 42 40 61

www.iledefrance-paris-hotel.com

Quarto a partir de 110 euros

Hôtel des Grandes Écoles

75 rue du Cardinal Lemoine -Paris 75005

(station place Monge)

Tel : + 33 1 43 26 79 23

www.hotel-grandes-ecoles.fr

Quarto a partir de 115 euros

(reservar com bastante antecedência)

Na linha 5 do metrô

Hôtel Mercure - ***

22 av Jean Lolive – Pantin 93500

Station : Hoche

Tel : + 33 1 48 91 6

Réservation avec le code : Congrès EPFCL

- Quarto simples, café da manhã incluso: 84€

- Quarto duplo, café da manhã incluso: 94€

- Taxa de estadia: 1€ por pessoa

A 20 min a pé

Hôtel Campanile - **

62 av. Jean Lolive - Pantin 93500

Station : Hoche

Tel : + 33 1 48 91 32 76

Quarto a partir de 69 euros

Chambres d'hôtes / bed and breakfast

2BinParis

www.2binparis.com

info@2binparis.com

+ 33 1 82 88 01 45 ou + 33 1 47 34 01 50

A partir de 60 euros

Alcove et Agapes –

www.bed-and-breakfast-in-paris.com

otcp@bed-and-breakfast-in-paris-com

Tel : + 33 1 44 85 06 05

A partir de 75 euros

Good Morning Paris

www.goodmorningparis.fr

info@goodmorningparis.fr

+ 33 1 47 07 28 29

56 a 119 euros - 2 noites no mínimo

Une chambre en ville

www.chambre-ville.com

ucev@wanadoo.fr

35 à 100 euros / noite – café da manhã incluso

33 1 44 06 96 71

Louer un appartement

Paris loc'appart

www.destinationsloccapart.com

Tel : + 331 45 27 56 41

A partir de 320 euros por 3 noites num studio (kit net)

123 My City Flat

www.123-mycityflat.com

Tel : + 33 1 42 78 01 58

A partir de 125 euros a noite num apartamento para 4 pessoas

Aos colegas que desejarem um alojamento em domicílio, e para aqueles que puderem acolher participantes, por favor, manifestem-se rapidamente para que possamos estabelecer uma lista, enviando um e-mail para Cathy Barnier, antes de 15 de setembro: cathy.barnier@noos.fr

- **SNCF (Metrô e trem):** Os cupons “Congrès SNCF” estão disponíveis e permitem-lhes obter um desconto de 20% em seus trajetos de trem. Solicite-os no momento de sua inscrição.

- **Avião:** Para obter a tarifa preferencial com a Air France et KLM Global Meetings, o código de identificação é: 12795AF

- **Estacionamento:** um cartão no valor de 8 euros por dia será disponibilizado desde que solicitado. Mais informações em setembro.

- **Programa:** Após as mesas redondas da sexta-feira, ouviremos uma *Suite* interpretada com violoncelo por Julien Decoin. O dia terminará com uma recepção amistosa.

Sábado, depois da AG da EPFCL-França, nós nos encontraremos num buffet. A noite será animada pelo grupo Odéon, Quintet de Jazz com toques de Bossa-nova. O dia terminará com uma noite dançante.

Interlúdio

UMA VEZ

*ouvi-o,
e ele lavava o mundo,
invisível, noite-adentro,
real.*

*Um e Infindo,
destruído,
eu-truído.*

Luz havia. Salvação

*EINMAL
da hörte ich ihn,
da wusch er die Welt,
ungesehn, nachtlang,
wirklich.*

*Eins und Unendlich,
vernichtet,
ichten.*

Licht war. Rettung.

Paul Celan. *Cristal* (seleção e tradução de
Claudia Cavalcanti).
São Paulo: Iluminuras, 1999, pp.118-119.

Argumento

O espírito do Encontro:

Durante três dias, em Paris, é-nos dada a oportunidade de reunir-nos e debater o tema decidido em Roma em julho 2010: convite antes de mais para testemunhar, interrogar e desenvolver este tema de atualidade para nossa Escola que vem fazer escansão no trabalho de reflexão sobre a experiência do passe, depois de Roma e antes do Rio de Janeiro.

O interesse pelo tema e a sua acuidade impõem-se, tanto pela seriação da experiência como pelos resultados e com eles a abertura epistêmica introduzida pela “positivação do final da análise” a partir da satisfação final obtida, como afeto positivo de conclusão. Haverá que sintonizar os resultados e as opções. O Encontro será colocado sob o signo da experiência, experiência do passe vivida de ambos os lados do Atlântico e que prossegue há já uma década. Respeitando as particularidades históricas e analíticas locais e retomando as nossas opções, poderá resultar em uma melhor homogeneidade das práticas e das designações entre as zonas geográficas: condição *sine qua non* para que a experiência internacional da Escola siga produzindo um ensino vivo.

O tema permitirá, com o passe colocado no cerne da Escola, o exame das diversas modalidades de final produzidas e com as sequências, e avançar idéias que justifiquem o título acordado: há um período pós-passe que diz respeito à vida do passante, à Escola, e mais fundamentalmente à transformação da relação de cada um com a análise.

Para facilitar este trabalho, o Encontro será dividido em dois tempos:

Um primeiro dia, sexta-feira, intitulado “A Escola posta à prova do passe”, será dedicado a um debate sobre o passador e sobre o AME, organizado em duas mesas redondas de cerca de 3 horas. Intervenções curtas introduzindo a questão serão seguidas por um amplo debate para o qual esperamos as contribuições dos AMEs e dos passadores em particular, mas também de todos os que participam a este trabalho de Escola (passantes, AE,

membros). O programa será construído a partir das solicitações de colegas de todas as zonas geográficas, proporcionalmente ao peso numérico de cada zona.

O segundo dia e o terceiro serão dedicados a palestras sobre o tema geral: “A análise, fins e consequências”, com um programa elaborado a partir das intervenções propostas atendendo a uma chamada a comunicação. Recordamos que este evento substitui os Dias nacionais da EPFCL-França e será construído a partir de um modelo semelhante. A tarde do sábado será preenchida por intervenções em salas múltiplas, isto para permitir as intervenções de membros dos diferentes países presentes no Encontro, enquanto que a manhã do sábado e o domingo serão reservados a intervenções nas sessões plenárias.

O que está em jogo no Encontro Internacional da Escola: A análise, fins e consequências.

Sexta-feira, 9 de dezembro: A Escola posta à prova do passe:

O que está em jogo é claro e foi vislumbrado em Roma, a questão diz respeito a toda a Escola e poder-se-á responder a duas questões a partir de um fio condutor estabelecendo a homogeneidade das designações em todas as zonas, tendo por mira o reforço da dimensão internacional da Escola

- O passador: O que é um passador? Efeitos do testemunho sobre o passador? O que é um justo testemunho?

- O AME: Designação dos AMEs ? Quando e como designar um passador? O passe muda os AMEs (Relação dos AMEs com a Escola)?

Sábado 10 e domingo 11 de dezembro: 2º e 3º dias internacionais.

Se em Roma durante o 2º Encontro internacional da Escola, alíngua, o Real e a nova definição do inconsciente (o falasser) foram amplamente abordados nas comunicações, este terceiro Encontro, na continuidade da experiência da Escola, deveria focar-se sobre uma positivação dos resultados da experiência, em relação com os avanços epistêmicos que os últimos textos do Lacan autorizam (historização, afetos de fim, Real tampão). A análise não é nem interminável, nem se termina na depressão ou na exaltação, na dor ou por falta de combatentes. O final da análise já não é mistério, inefável, artisticamente confuso, ela é satisfação e até urgente satisfação. O

inconsciente real, alíngua e este afeto de satisfação (do qual se deverá interrogar as formas, os meios de dar conta dele, a contribuição dos cartéis do passe) dá à análise um fim (mas também uma perspectiva, uma mira, um alvo) muito mais atraente que as negatividades de estrutura, os tormentos da castração ou a religião do furo.

Assim, o texto do prefácio da edição inglesa do Seminário XI vem prolongar basculando-as as conclusões dos textos de *l'Étourdit* e a Nota Italiana: no fim, a tônica já não incide tanto sobre as perdas e as quedas, incide mais na identificação de uma satisfação que faz da análise uma experiência de mutação do afeto, uma experiência tocante também ao vivo, à experiência do viver: perspectivas dinâmicas para uma “análise viva” que deixa prever que o passe pelo Real não conduz nem ao solipsismo, nem ao cinismo mas antes pelo contrário anuncia o que tem chance de transformar em comunidade – e internacional – os dispersos díspares: consequências políticas que deverão ser analisadas pela Escola...

Conforme as épocas, conhecemos diferentes « modelos » de fim: travessia da fantasia, identificação ao sintoma, assunção da castração, estamos hoje perante uma questão crucial: qual é nossa concepção do Real? Será que se trata apenas do real ligado aos efeitos de linguagem ou o será que o afeto de fim não assinalaria que a análise toca ao Real do vivo? A elaboração dos gozos aos quais o falasser é confrontado permite extrair uma nova economia dispensada pela experiência de uma análise? A borromeanização de RSI não autoriza uma leitura renovada do Real? Como se articula este Real do vivo e o saber do inconsciente?

A psicanálise é a única entre as disciplinas do conhecimento a situar corretamente o registro da falta e da perda, mas ela diz também (é o que os textos do Lacan dos anos 1970 desenvolvem) o que se obtém da experiência: o positivo, o mais e as consequências que a operação comporta para aquele que nela se arrisca e a empurra até seu termo: fazer frente, construir uma resposta singular aos adventos do Real.

Vocês estão convidados a participar a estes dias que poderão vir a ser um evento maior se soubermos aproveitar a oportunidade, antes que voltemos a nos encontrar no Rio de Janeiro em julho 2012 sobre o tema: “O que responde o analista? Ética e clínica”.

Albert Nguyễn

Ficha de inscrição

SOBRENOME E NOME:

ENDEREÇO:

CIDADE / PAÍS:

TELEFONE / E-MAIL:

Individual	170 €
Colegiados clínicos	130 €
Estudante (-de 26 anos)	80 €
Formação Continuada	300 €

Por cheque em nome de: EPFCL-France

**Depósito para BRED PARMENTIER n0 IBAN FR76 1010 7001 3700 4120
2069 916**

Enviar para: EPFCL - France

Rencontre Internationale d'Ecole

118 rue d'Assas

75 006 Paris

Formação continuada n0 11 75 411 9375

Interlúdio

Ter dito tudo
e nada mais dizer
Aceder enfim ao canto
pelo puro silêncio
Encontrando ali
sem reserva
Ao chamado de uma gralha
Aos gritos das cigarras
Ao pinho de você jorrado
quebrando-lhe as entranhas

Sob o céu uno
Que roça só
uma nuvem

Nada subtrair
Fixar os olhos até o fim
o inominável
Sobreviver aos ossos rompidos
à carne corrompida
Ser de corpo inteiro
A palavra olho
Que nenhuma língua humana
ousa divisar ainda

François Cheng – Double chant [Duplo canto]
Un jour les pierres in A l'orient de tout
Poésie/Gallimard 2005

Iniciativas Pré-Encontro

FRANÇA

Pólo 6 – Pólo do « GAI SCAVOIR EN MIDI TOULOUSAIN »

Com a iniciativa dos Eleitos dos Pólos 6 e 7, aos quais se juntaram os dos Pólos 8 (Pays des Gaves l'Adour) e Pólo 5 (Tarn-Aveyron-Lot), uma tarde de trabalho acontecerá em Toulouse dia 19 de novembro de 2011. Intervenções curtas deverão permitir um amplo debate sobre o tema: “A análise, fins e consequências”.

Além disso, s informações mais amplas serão dadas nos próximos e-mails do Encontro.

Polo 7 BORDEAUX REGION Cartel ampliado.

O cartel funciona mensalmente desde o mês de abril e reúne 15 participantes membros da Escola e membros do Fórum sobre o tema do Encontro em dezembro.

Os trabalhos começaram com a apresentação dos textos de Lacan sobre o passe: *Proposição de Outubro, Nota italiana, o Aturdito, Prefácio à edição inglesa do Seminário XI*. Depois iniciamos a leitura de textos de colegas sobre a questão: textos dos *Mensuels 54, 59 e 62*, e textos do livro “Expériences de passe” [*Experiências de passe*] de 2011. Cada participante expõe, por sua vez, um ou outro texto e sua problemática.

Alguns dentre eles (número ainda a ser especificado) apresentará um trabalho na tarde preparatória do Encontro que acontecerá em Toulouse dia 19 de novembro de 2011.

PÔLE 14 PARIS-ÎLE DE FRANCE-CHAMPAGNE NORD

- Sábado, 19 de novembro com Erik Porge e Michel Bousseyroux em torno de suas respectivas obras.

- Outra data a ser determinada durante o mês de outubro ou novembro

Outras iniciativas estão provavelmente em andamento nos outros Pólos, os quais até o presente momento ainda não transmitiram suas informações, que constarão no próximo número do “Mag” do Encontro.

BÉLGICA

Seminário Escola do Fórum de Brabant animado por Lucile Cognard, Zehra Eryouk e Coralie Vankerkhoven sobre o tema do Encontro.

Quando um sujeito começa uma análise e para onde isso o leva? Partindo da constatação de que a análise pode ser interminável, o que faz com que uma análise possa terminar? Quais as consequências, por um lado, sobre a direção da cura e, por outro, que fins o sujeito pode encontrar?

Da análise sem fim ao desejo do analista, que guinada epistêmica Lacan imprimiu?

ESPANHA

Fórum Psicanalítico de Barcelona: Seminário de Escola

A escola à prova do passe, debate sobre o AME e o passador.

Programa e Bibliografia:

Setembro: O ensino de Lacan sobre o AME e o passador.

Bibliografia:

- Lacan, J. La proposición de 1967, en Directorio de la EPFCL-IF, Textos de referencia de J. Lacan

-Lacan, J Discurso a la EFP, 1967, idem

-Lacan, J. Nota italiana, 1973, idem

-Lacan, J. Sobre la experiencia del pase, 1973, Ornicar? 1, ediciones Petrel

-Lacan, J. Nota sobre la elección de pasadores, 1974 (pasaremos a los participantes una traducción al castellano)

-Lacan, J. Carta para la Causa Freudiana, 1980, idem

Intervenções: Roser Casalprim e Angels Petit

14 de outubro: Atualizações 1: A análise orientada para o Real.

Bibliografia

-Soler, C. : Lacan, l'inconscient réinventé, aptdo L'analyse orientée vers le réel, 2009, PUF, pgs 75-123

-Soler, C. Style de passes, in Wunsch 10

- Wunsch 8, 9, 10

Intervenções: Clotilde Pascual e outras pessoas as quais ainda falta definir.

11 de novembro, Atualizações II, Experiências no dispositivo do passe do campo lacaniano.

Bibliografia

- Corinne Philippe ¿Por qué presentarse al pase? Wunsch 9, p 17-19

- Claire Montgobert Lo que (se) pasa, Wunsch 9, pp.29-32

- Lydie Grandet Una experiencia que sobre-pasa, Wunsch 9, pp. 39-41

- Wunsch 8, 9 e 10

Intervenções: Daniela Aparicio e Jorge Chapuis

Comissão de organização: X. Campamà, A. Martínez, M. Pelegrí, R. Roca, I. Rosales.

Madri:

Espaço Escola: Trabalho do Espaço Escola sobre o tema do encontro.

*** Outras informações sobre as atividades preparatórias na Espanha ainda devem chegar até nós, e estarão presentes no próximo MAG do Encontro ***

ITÁLIA

Espaço Escola de Roma: Atividades preparatórias previstas para o Espaço Escola. Informações no site:

<http://www.praxislacanianana.It/index.php?ccp=4>

1. Seminário de Estudo de textos: J. Laca, “Nota italiana”, a partir do trabalho de Colette Soler (2007-2008) no curso do Espaço Escola de Praxis-FCL.
2. Seminário de Escola: Questões oriundas da experiência do passe.

AMÉRICA LATINA

No dispositivo de Escola Brasil e Fóruns anexos (América Latina Norte e Sul), os fóruns e seus seminários de Escola foram colocados em funcionamento um pouco em cada lugar articulando-se em torno do tema do III Encontro: “A psicanálise, fins e consequências”.

O CAOÉ e seus associados na América Latina – Silvia Migdalek na ALS, Ricardo Rojas na ALN, e José Antonio Pereira da Silva no Brasil – estão cuidando da difusão do Encontro, e os prelúdios traduzidos são até mesmo objeto de estudo em alguns fóruns!

Sem poder prestar contas de todas as atividades empreendidas em torno do tema “A psicanálise, fins e consequências” nos mais de 20 fóruns da América Latina, indicamos algumas iniciativas do CAOÉ e dos associados em colaboração com a CLEAG e membros de Escola.

ARGENTINA:

Dia 11 de junho, durante as Jornadas da ALS: as respostas do analista e suas consequências, Florencia Farías, Pablo Peusner, Martín Alomo, Marcelo Mazzuca e Silvia Migdalek animaram uma mesa redonda sobre “O fim e as finalidades da análise”.

Dia 29 de setembro de 2011: sob o título “Escuela Ética y técnica de la oferta analítica”, uma mesa redonda reunirá Colette Soler (que propôs esse título para sua intervenção), Gabriel Lombardi e Sonia Alberti.

BRASIL:

Um seminário itinerante de Escola percorrerá o Brasil durante todo o segundo semestre: membros da CLEAG, do CIG, AEs e passadores foram convidados pelos fóruns espalhados pelos quatro cantos do país constituindo assim um vasto ESPAÇO ESCOLA BRASIL, que submeterá ao debate de todos os membros dos fóruns o tema do III Encontro de Escola e as questões sobre os passadores e os AME que também começarão a ser trabalhados em dezembro em Paris.

Assim, Alba Abreu irá ao Rio de Janeiro e Joinville; Ângela Diniz a São Paulo; Antonio Quinet foi convidado por Natal; Beatriz Oliveira por Salvador, Dominique Fingermann por Belo Horizonte e Campo Grande; José Antonio Pereira da Silva por Petrópolis; e Sílvia Franco “terminará” seu trabalho como AE em Recife e Fortaleza. Esperamos que essas “diagonais” que percorrerão o Brasil durante os próximos meses tenham alguns ecos na ocasião do III Encontro, e na relação de cada um com a Escola.

Fórum	Convidado	Título da intervenção	Data
Aracaju	Dominique Fingermann	A presença do passador: atualidade da Escola	Março 2012
Belo Horizonte	Dominique Fingermann	A presença do passador: atualidade da Escola	22/10/11
Fortaleza	Silvia Franco	O que esperar do passe?	18/11/11
Joinville	Alba Abreu	Os im-passes da transmissão	09/08/11
Campo Grande	Dominique Fingermann	A presença do passador: atualidade da Escola	30/09/11
	Alba Abreu	Os im-passes da transmissão	05/08/11
Natal	Antonio Quinet	A estranha	03/09/11
Petrópolis	José Antonio P. da Silva	A definir	14/08/11
Recife	Sílvia Franco	O passe na EPFCL	22/10/11
Rio de Janeiro	Alba Abreu	Os im-passes da transmissão	06/10/11
Salvador	Beatriz Oliveira	A definir	07/10/11
São Paulo	Angela Diniz	A definir	24/09/11
Buenos Aires	Sonia Alberti	Respuestas del analysis, ¿que se puede saber, hacer y esperar?	

NA AMÉRICA LATINA NORTE

(Colômbia – Venezuela – Porto Rico)

A ALN organiza em paralelo com os encontros Internacionais de Escola, Rencontres bienais que recolhem as experiências dos membros da zona em diversos níveis da experiência (AME, passadores, CIG, AE) assim como convidados internacionais do CIG ou da CLEAG-Brasil (dispositivo de Escola ao qual a ALN é anexa).

Julho: III Jornada sobre o passe na ALN Antonio Quinet (CLEAG-Brasil):
“La satisfaction del fin del análisis” Mario Brito (AE): Un recorrido y

después: llaves” Carmenza Hincapié (AP): “El pasador, una placa sensible” Jorge I. Escobar Gallo (AP): “Testimonio de un pasador” Patricia Muñoz (AME) CIG. “¿Cuál horror de saber?” Beatriz Zuluaga. (AME) “El pase ... una experiencia”.

No Fórum de Medellín, até o fim de novembro, um seminário retoma duas vezes por mês os temas indicados por Albert Nguynên na apresentação do III Encontro Internacional da Escola.

O primeiro bloco trata das questões relativas ao dispositivo e suas consequências sobre os protagonistas da experiência:

Designação dos passadores e efeito do passe para o AME: JG Uribe – R Rojas/ Efeitos do passe sobre o passador: B Maya – B Zuluaga/ Efeitos do passe sobre a Escola: P Muñoz – C Hincapié/ O testemunho do passador: JG Uribe – P Muñoz

Os convidados participam do Espaço Escola no momento de sua passagem por Medellín sobre o tema do III Encontro: Sonia Alberti – CLEAG (24 de junho) – Martine Menès (8 de setembro) e Dominique Finger mann – CIG (19 de novembro).

Homenagem

Caro GUY, Adeus!

Nosso colega e amigo Guy Clastres sucumbiu no último dia 12 de julho à doença contra a qual ele lutava com coragem e lucidez há muitos anos.

Muitos dentre nós conhecemos seu percurso na psicanálise, sua exigência, seu apreço pelo debate, pela transmissão e pela clínica.

Dizer que sua voz nos fará falta é dizer pouco, e entretanto...

O CAOÉ, e acredito poder dizer o conjunto da Escola, assegura a Sylvana, sua esposa e Laurence, sua filha, seu apoio e amizade nesses momentos dolorosos.

**Nomear cada coisa à parte
é o começo de tudo
Mas dizer o que surge de entre elas
sempre novo
E imprevisto
É
a cada vez
re-começar o mundo**

**Entre árvore e nuvem
Que passe pássaro ferido ou vento feliz
Que o brilho furtivo se inscreva
entre os olhos
entre os lábios**

**Na verdadeira vida
Indefinidamente
Nós renascemos.**

François Cheng – Le Livre du vide médian
A l'Orient de tout – Poésie – Gallimard 2005

As Comissões do Encontro

CAOE

Dominique Finger mann (Secretária para a América Latina Sul)

Ana Martinez

Patricia Munoz

Albert Nguyễn (Secretário para a Europa)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Albert Nguyễn (*Responsável pelo Encontro*)

Dominique Finger mann

Ana Martinez

Patricia Munoz

Luis Izcovich

Diego Mautino

Pascale Leray

Marc Strauss

Gabriel Lombardi

Bernard Nominé

COMISSÃO DE ORGANIZAÇÃO

Nadine Naïtali (*Responsável pela organização*)

Cathy Barnier

Dominique Champroux

François de Dax

Frédérique Decoin

Didier Grais

Mireille Scemama

Irène Tuton